A ORGANIZAÇÃO POPULAR QUILOMBOLA EM VISTA À SEGURANÇA ALIMENTAR LOCAL: UM OLHAR ACERCA DA AGROINDÚSTRIA "MAE ZAI" NO POVOADO PATIOBA/SE

Arlane Santos de Lima
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3777-1963
Endereço eletrônico: arlaneliim@gmail.com

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6072-771X
Endereço eletrônico: soniamenezes@academico.ufs.br

Palavras-chave: soberania alimentar; políticas públicas; produção de alimentos.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são marco de resistência da população negra à escravidão no Brasil. A sua organização remonta às estratégias de sobrevivência em um período no qual todos os direitos foram retirados e negados a este grupo. Mesmo que ainda distante de um cenário real de igualdade, os quilombos atuais podem ser observados como territórios férteis de ações formativas, onde pautas como o enfrentamento à discriminação racial, direito à terra, manutenção/regaste cultural e soberania e segurança alimentar são fomentados. Partindo de uma análise histórica, salienta-se, com base nas reflexões de Reis (1996), que a formação de quilombos se estabeleceu como o instrumento de maior notabilidade de resistência negra defronte ao regime escravocrata no Brasil. Para dar sustento ao impulso econômico que Sergipe buscava, foi imprescindível a multiplicação da mão de obra negra escravizada entre os engenhos instalados na área produtora.

Sobre a formação dos quilombos, Leite (2000) observa que a apropriação de um espaço para a formação destas comunidades pode ser tomada como um ato de luta/guerra não somente pela liberdade, mas sobretudo pela vida. Destacamos o papel desta ação estratégica de re-existência no estado de Sergipe, sobretudo na região do Vale do Cotinguiba, *locus* onde

se concentrou os maiores níveis de produção açucareira do estado a partir do século XVIII, período em que este monocultivo passa a ser implementado no território. A re-existência, assim como refletido por Hurtado e Porto-Gonçalves (2022), é demonstrado como a ação dos grupos sociais de reiniciar e de atribuir novos sentidos à sua existência em momento em que a mesma é colocada sob ameaça.

Japaratuba, município *locus* desta pesquisa, está localizado no Vale do Cotinguiba e atualmente o monocultivo cana-de-açúcar ainda se mantém como atividade econômica praticada em grande parte do seu espaço rural. O panorama agrícola na região demonstra que a soberania e a segurança alimentar local são postas em risco, tendo em vista a implementação da cana-de-açúcar na maior parte da área agricultável do município. De acordo com a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), entre 2013 e 2023, apesar das variações anuais, a cana-de-açúcar foi cultivada em ao menos 70% do território destinado à cultivos temporários em Japaratuba, enquanto as culturas alimentares, como a mandioca e o feijão, se mantiveram em restritos espaços ocupados pela agricultura familiar.

Ainda que cercada por latifúndios produtores de cana-de-açúcar e em busca da titulação da terra, a comunidade quilombola Patioba têm dado passos importantes em direção à soberania e segurança alimentar local e ao fortalecimento da autonomia das mulheres da localidade com a implementação de estratégias para a geração de renda. À luz deste contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar a o processo de implementação e a importância desempenhada pelo funcionamento da agroindústria “Mae Zai” no povoado Patioba/SE. Ademais, destacamos que essa pesquisa justifica-se também pela necessidade de dar maior notoriedade a ações exitosas que são executadas ainda que em um cenário de constantes entraves, assim como ocorre em Japaratuba.

METODOLOGIA

Este trabalho deriva das análises iniciais de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGEO/UFS). Os percursos metodológicos que guiaram a elaboração deste trabalho partem de análises de dados secundários acerca da produção agrícola no município de Japaratuba mediante a PAM, consulta à literatura científica, sobretudo as que versam sobre o processo de luta e resistência quilombola no Brasil. Ademais, foi imprescindível a coleta de dados

secundários sobre o panorama das comunidades quilombolas de Sergipe no site da Comissão Pró-Índio. O portal assumiu importante papel para a captação de informações atualizadas sobre a condição da Comunidade Patioba frente às etapas de reinvindicação à titulação da terra. Operalizou-se consulta às redes sociais oficiais da comunidade para a visualização das recentes ações coletivas de maior importância ali executadas. Por fim, houve a realização de trabalho de campo na área para reconhecimento e análise espacial da mesma, assim como para a coleta de dados primários junto às lideranças locais, a qual se deu por meio de um roteiro de entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O povoado Patioba é a única comunidade remanescente de quilombo do município de Japaratuba e, de acordo com os dados da operação censitária de 2022, possui uma população de 632 habitantes. Está localizada há cerca de 8 km da sede municipal e a ligação com esta se dá por meio da BR 101. Embora tenha sido reconhecida como comunidade remanescente de quilombo há mais de 10 anos (2013) pela Fundação Cultural Palmares, seu território não é titulado. De acordo com as informações disponíveis no site da Instituição Pró-Índio de São Paulo, o processo inicial para titulação foi aberto no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2006. A área reivindicada é de 1.512,1016 hectares e atualmente o trâmite decorre nas primeiras etapas do processo de titulação.

Ainda que sem a titulação do território que pleiteiam, a Associação Quilombola do Povoado Patioba (AQUIPP) se mostra elevado nível de organização, tendo em vista a busca constante pelo desenvolvimento social, econômico e sustentável da comunidade. Com o apoio de diversos órgãos, a construção e funcionamento da Agroindústria Quilombola é um marco de como isso vem ocorrendo no povoado Patioba. Ao batizar o estabelecimento com o nome "Mae Zai", a comunidade presta homenagem *in memoriam* a uma das ilustres personalidades locais: Mestra do Caruru que ali residiu e que alcançou 100 anos de idade e de grande dedicação à população. A inauguração do prédio ocorreu em novembro de 2024 e no ano seguinte as entregas ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foram iniciadas com entregas pela Companhia de Abastecimento (Conab) para a população do Quilombo Terra Dura em Capela/SE e para a Secretaria de Desenvolvimento Social de Japaratuba. Cerca de 40 mulheres, que integram o Coletivo de Mulheres Delícias do Quilombo, são responsáveis pela

fabricação dos bolos e beneficiamento das polpas de frutas, coletadas na própria comunidade, as quais são adquiridos pelo PAA a preços compatíveis com os praticados nos mercados regionais. Além desses alimentos, na agroindústria são elaborados licores, biscoitos e geleias que alcançam a população por meio dos circuitos curtos de comercialização.

Este cenário expressa a luta da comunidade com vistas à soberania e à segurança alimentar local fortalecidas pela cultura alimentar da região e a face econômica da comunidade. Destaca-se a primordialidade da consolidação e positivo alcance de políticas públicas para a agricultura familiar, além do fomento ao trabalho das mulheres como produtoras de alimentos nos espaços rurais (Bem-Lignani e Alexandre-Weiss, 2024). Para a consolidação deste projeto, a comunidade contou com diversos parceiros, entre eles com o Tribunal de Justiça de Sergipe que, por meio da Secretaria de Estado de Trabalho, possibilitou que o acesso do coletivo de mulheres a cursos profissionalizantes ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Ademais, foram beneficiadas com formação e recursos pelo programa de Assistência Técnica e Extensão Rural direcionado à mulheres (ATER Mulher) executado pelo Governo do Estado de Sergipe através da ENDAGRO. A Instituição Interamericana (IAF) – um órgão independente com sede nos Estados Unidos que auxilia no desenvolvimento de economias locais na América Latina e Caribe – também contribuiu com aportes financeiros para a construção da agroindústria, assim como também receberam apoio da Companhia De Desenvolvimento Do Vale São Francisco (Codevasf) e da Prefeitura Municipal de Japaratuba.

Ainda que ocupando um espaço limitado onde não é possível destinar uma área da comunidade aos cultivos comunais, observar-se a manutenção de pomares nos quintais produtivos dos quais provém matéria-prima para a agroindústria. A expectativa é que com o alcance da titulação o projeto se fortaleça e que a prática da agricultura familiar seja realidade e contribua com o abastecimento alimentar do município por meio de programas como o PAA e o Programa de Alimentação Escolar (PNAE), assim como na comercialização das feiras do município e de localidades vizinhas.

CONCLUSÕES

A agroindústria Quilombola da Patioba “Mãe Zai” representa a culminância de diversas articulações desta comunidade. Ações essas que foram iniciadas no momento em que

enxergaram as suas potencialidades frente ao cenário de entraves que enfrentam. A chegada de recursos e de assistência técnica tornou o projeto possível, demonstrando assim como a aliança entre organização social e aplicação correta de recursos públicos são passíveis de promover desenvolvimento das comunidades rurais. Com a participação no edital das compras públicas do PAA, a agroindústria atingiu mais uma das suas metas: distribuir alimentos de qualidade para à população, fortalecer a segurança alimentar local, ao mesmo tempo em que gera renda e autonomia às mulheres quilombola, criando assim um espaço de transformação social. Observa-se assim que ações como essas fazem emergir o debate pela urgência pela urgência \o apoio às comunidade quilombolas de Sergipe e do Brasil, não apenas com projetos de desenvolvimento local, mas, sobretudo, com a titulação dos seus territórios para que a reprodução do trabalho e da vida possam ocorrer em um cenário de menores índices de desigualdade.

REFERÊNCIAS

BEM-LIGNANI, Juliana de; ALEXANDRE-WEISS, Veruska Prado. A complexidade da segurança alimentar e nutricional. In: HUNGRIA, Mariangela (org.). **Segurança alimentar e nutricional**: o papel da ciência no combate à fome. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2024. Disponível em: https://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2024/03/Seguranca-Alimentar-e-Nutricional-OPapel-da-CienciaBrasileirano-Combate-a-Fome-LIVRO-ABC-2024.pdf. Acesso em: 10 jun. 2026.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. Patioba. Disponível em: https://cpisp.org.br/patioba/. Acesso em: 10 jun. 2026.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 4, n. 2,p. 333-354, 2000. Disponível em: https://journals.openedition.org/etnografica/2769. Acesso em: 19 mai. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Agrícola Municipal (PAM)**. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/documentos. Acesso em: 30 mai. 2026.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, n. 28, p. 14-39,1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28362/30220. Acesso em: 11 jun. 2026.

HURTADO, Lina Maria; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. RESISTIR Y RE-EXISTIR. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 53, 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/54550. Acesso em: 22 jun. 2026.